Notas Bibliográficas

PIERRE BIGO — La Iglesia y el Tercer mundo — Salamanca, Ediciones Sigueme, 1975, 303 pp.

O autor repensa a temática da sua Doutrina Social da Igreja, dentro da perspectiva do 3.º mundo. O problema do 3.º mundo aparece assim como o grande escândalo, o grande desafio da cultura contemporânea, que só poderá ser enfrentado por uma nova revolução: a revolução cultural. Esta referência, ou vinculação do problema do 3.º mundo, à grande revolução cultural em gestação é talvez o aspecto mais rico e original da mensagem deste livro, escrito por um homem de profunda fé e arraigada fidelidade à Igreja. A revolução cultural que condiciona a solução do problema do 3.º mundo é a única alternativa para um mundo que tende a cindir-se entre ditaduras de esquerda e ditaduras de direita, isto é, entre regimes de violência. Para compreender esta posição, é preciso ter presente o sentido que o Autor dá à revolução, e à revolução cultural, que deverá encontrar o caminho para uma socialização com liberdade. Para ele, Revolução, com maiúscula, só aconteceu duas vezes no ocidente, entendida como uma mutação radical, global e irreversível nas estruturas mentais e sociais da humanidade. Qual a parte da Igreja em todo esse imenso afrontamento? É um papel sem brilho: sua renovação interior, seu testemunho, contra a iniqüidade e pela paz, o discernimento lúcido entre as turbulências passionais. Mas os filhos dessa Igreja, vivendo a sua conversão à imagem do Cristo livre, têm talvez uma chance absolutamente nova de participar eficazmente no processo.

F. B. de Ávila

JUAREZ TÁVORA — Uma vida e muitas lutas. Memórias. (2. A caminhada no Altiplano) — **José Olympio, Rio de Janeiro, 1974, 311 pp.**

Compreende o período de sua vida, desde os primeiros passos da revolução de 30, até à morte de Getúlio. O volume é prefaciado por Afonso Arinos, prefácio que constitue um texto admirável de sabedoria política. Juarez também aqui aparece na integridade moral de seu caráter e nas limitações de seu gênio político. Foi sempre um conspirador, mas nunca um caudilho. Era dominado pela sua idéia de hierarquia. Praticamente reconhecido como o grande líder da revolução, eclipsa-se na sua condição de tenente, esperando poder dali controlar o maquiavelismo de Getúlio, ao qual acaba sucumbindo, ao aceitar a pasta da Agricultura. Conspira sempre, mas sempre lealmente, informando seus superiores hierárquicos de suas manobras, nas quais nunca visou a seus interesses pessoais. De seus depoimentos, desprende-se a idéia da inocência da revolução de 30, totalmente fechada no moralismo de classe média, convencida de que o saneamento eleitoral seria a panacéia para todos os nossos problemas. No meio desta inocência, só Getúlio sabia e fumava. A revolução de fato não tinha nenhum programa definido, nenhum modelo em vista. Tudo parece resumir-se a visitas, banquetes com os respectivos discursos e brindes. Pobre Juarez! Era limpo demais e condicionado demais para a sórdida e mesquinha conjuntura em que viveu e na qual deu o melhor de si, numa grande variedade de iniciativas pioneiras. Até acabar com seu juramento de nunca mais pretender corrigir pela força os erros dos nossos governantes, o que, não o impediu, creio, de participar também da revolução de 64. Se fosse vivo, talvez já estivesse sentindo a necessidade de conspirar de novo, sempre a seu modo: leal até o fim.

F. B. de Ávila